

Dó, Ré, Mi, Fá... zendo arte com massinhas: Oficinas educativas com adolescentes da Vila Cafezal – Belo Horizonte/MG*

Maria José Nogueira¹, Samuel Barcelos¹, Héilton Barros¹ e Virgínia Torres Schall¹

54

Introdução

Segundo dados do IBGE (2001), 21% da população brasileira encontra-se na faixa dos 10 aos 19 anos, sendo 50,4% do sexo masculino e 49,6% do sexo feminino. Estudos apontam que muitos desses jovens ainda não têm acesso a informações e serviços adequados no âmbito da saúde sexual e reprodutiva que lhes garantam o exercício da sexualidade de maneira segura e responsável.

Desse modo, na interface entre a saúde, educação e as questões da sexualidade, buscamos refletir sobre intervenções que possam aumentar o acesso e uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na área da saúde coletiva. Acreditamos ser de fundamental importância o desenvolvimento de projetos que estimulam as capacidades críticas e criativas, encorajando a participação e mobilização da população-alvo no *design* e produção de novas tecnologias. Ancoramos nossa intervenção nas abordagens teóricas que compreendem o processo comunicativo como um processo de construção compartilhada, no qual se tornam possíveis as ações e interações entre os sujeitos comunicantes (Querè, 1991). Desse modo, nos aproximamos do paradigma praxiológico, um pouco distante do modelo informacional ou epistemológico, que contém a idéia de que o processo comunicacional é transmissivo, baseado no esquema emissor – mensagem – receptor e busca transmitir a mensagem com eficácia e livre de “ruídos”.

Na mesma linha, Freire (1976) ressalta a necessidade de romper com idéia clássica da prática educacional como um ato de transferência de conhecimento. Por sua vez, na obra de Pichon-Rivière (2000), a noção de aprendizagem está relacionada à apropriação instrumental da realidade, através dos conceitos teóricos, para apreendê-la e modificá-la, uma relação dialética mutuamente modificante e enriquecedora entre o sujeito e o mundo.

* Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

¹ Laboratório de Educação em Saúde, Centro de Pesquisas René Rachou/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). E-mail: maria.nog@cpqrrr.fiocruz.br.

Como em Freire (1974), o ensinar e o aprender constituem uma unidade, na qual os papéis de aluno e professor são complementares. Desse modo, os autores percebem os indivíduos como sujeitos de conhecimento, ou seja, possuidores de saberes valiosos e capazes de transmitir conhecimento. Como diria Freire (1974), compartilhar uma “leitura do mundo”, ou, nas palavras de Pichon-Rivière (2000), realizar uma “leitura da realidade”. Rompe-se, assim, com a visão reducionista do ensinar como ato de comunicar saberes e alarga-se sua significação, sendo entendido como um processo que leva os indivíduos à reflexão, ao ato da pergunta e do questionamento.

No paradigma praxiológico, ao reconhecer a importância da construção compartilhada, Querè (1991) evidencia o caráter dialógico, em oposição ao caráter monológico que não serve mais para explicar o processo comunicativo. Não se trata mais de produzir representações similares junto ao comunicador e seu destinatário, é preciso compartilhar para interagir. Nesse momento, o papel do outro passa a ser fundamental. Para o modelo praxiológico não mais existe o mundo pré-definido, passível de representação. Ao contrário, a determinação só é possível a partir de uma ação comunicativa construída na relação com o outro.

O lugar do outro faz surgir o sujeito dialógico, que comunica ao interagir e constrói, na relação, sua prática comunicativa. Pensar a comunicação a partir da existência de sujeitos monológicos ou dialógicos levar-nos-á, sem dúvida, a atribuir-lhe lugares totalmente diversos. Se não podemos, hoje, descartar completamente o paradigma informacional, não podemos deixar de considerar as importantes contribuições do modelo praxiológico, particularmente o caráter dialógico com que o mesmo busca compreender o fenômeno comunicativo.

Partindo do pressuposto de um conhecimento compartilhado e produzido na interação com os sujeitos comunicantes, utilizamos, como recurso pedagógico, as oficinas de animassinha para a criação de pequenos filmes em desenho animado, usando massinha de modelar e sistema digital para captação e edição do material.

Metodologia

Na Vila Cafezal, um bairro integrante do Aglomerado da Serra, região centro-sul de Belo Horizonte, há quatro Equipes de Saúde da Família (ESF). Cada uma cobre uma área com cerca de 2.800 a 3.000 pessoas, ou seja, aproximadamente 600 famílias por equipe. Cada ESF dessa área é formada por um médico, uma enfermeira, dois auxiliares de saúde e cinco ou seis agentes comunitários de saúde (ACS), recrutados na própria comunidade.

Para a realização de nossas atividades contamos com o apoio da ESF Roxa². O trabalho da desta equipe abrange uma área de aproximadamente 800.000 m² de uma região bastante acidentada no Aglomerado da Serra, bairro da região centro-sul de Belo Horizonte (setores censitários 108 e 109 e parte dos 319, microáreas 9, 10, 11, 12 e 13), com uma população de 3.000 habitantes distribuídos em aproximadamente 600 famílias.

Oficinas com grupos operativos

Os vídeos foram realizados por um grupo de adolescentes que fazem parte do Projeto “Amigos do Cafezal” – que tem, como proposta mais ampla, a discussão de questões referentes a sexo e sexualidade. A oficina de sexo e sexualidade foi dirigida para o público adolescente (10 a 14 anos) da área adstrita da Equipe da Saúde da Família, composta por 16 participantes – 5 meninos e 11 meninas. A oficina incluiu 12 encontros realizados no posto de saúde todas as sextas-feiras das 13h às 16h, na quais foram discutidos vários temas em dinâmicas de grupo, além de terem sido realizados exibição de filmes, rodas de conversa etc.

Cada encontro foi conduzido por um profissional da área do tema gerador e acompanhado por outros membros da equipe. Cada encontro foi dividido em três momentos: reflexão do tema gerador, atividade lúdica para despertar interesse e integração do grupo, avaliação (em alguns encontros) e planejamento para a semana seguinte.

² Das oito equipes de Saúde da Família lotadas no Centro de Saúde Cafezal, quatro respondem pelo atendimento da Vila Fátima e quatro pelo atendimento da Vila Cafezal. Para facilitar a sua identificação pelos respectivos usuários, as equipes foram nomeadas com cores diferentes.

Nos 12 primeiros encontros, procuramos sempre, de maneira participativa, agregar conhecimento, propiciar a reflexão sobre temas ligados a sexo e sexualidade, com o objetivo de propor a produção de um material educativo que fosse elaborado por eles e para eles. Ao final desses encontros, o grupo foi subdividido: os adolescentes de 13 e 14 anos ficaram responsáveis pela produção de um jogo educativo que abordasse temas referentes a sexo e sexualidade na adolescência, ao passo que o segundo grupo, de 10 a 12 anos, ficou responsável pela produção dos vídeos animados nas oficinas de animassinha. Nosso objetivo, neste artigo, refere-se apenas à apresentação do trabalho do segundo grupo.

Oficinas de animassinhas

A concepção da oficina se situa no campo da participação no processo de produção midiática e o processo é considerado tão importante quanto o resultado obtido. É através do processo de produção que os participantes travam contato com os elementos de linguagem, necessários à construção de sentido simbólico; apropriando-se da tecnologia, definem o que mostrar e a melhor maneira de expressar suas idéias. Desse modo, nosso objetivo foi produzir desenhos animados utilizando processo artesanal (modelagem de massinha) e tecnológico (captação digital). Embasados em nossos pressupostos teóricos, buscamos, no espaço das oficinas, criar um ambiente de aprendizagem diferente daquele existente na sala de aula convencional, na qual a tecnologia é utilizada como veículo de ensino/aprendizagem. Em vários momentos, procuramos despertar a criatividade dos adolescentes, seu espírito crítico e o senso estético. Em todas as atividades era estimulada a participação em equipe com o cuidado de explorar as potencialidades individuais.

O trabalho foi realizado em quatro etapas.

• 1ª etapa – Discutindo os temas

Durante os 12 primeiros encontros, procuramos criar um ambiente descontraído para agregar conhecimento e propiciar a discussão acerca dos seguintes temas: gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis (DST), uso de drogas, métodos contraceptivos, uso do preservativo, o corpo reprodutivo feminino e masculino etc. Através de dinâmicas e de forma participativa, procuramos ressaltar que também fazem parte do corpo as características psicológicas, a história pessoal e as relações que se estabelecem com as pessoas, seu meio social e sua cultura. A participação de ambos os sexos potencializou a discussão da existência de diferenças entre homens e mulheres.

• 2ª etapa – Fazendo roteiros para contar as histórias

Nesse momento os adolescentes foram incentivados a criar pequenas histórias para que pudessem produzir os vídeos animados. Em grupos de dois ou três (mas de maneira bastante flexível) foram criados 11 roteiros com temas diversos: uso de preservativo, uso de drogas, namoro, primeira relação sexual etc.

• 3ª etapa – Criando os personagens e cenários

Com o roteiro em mãos os meninos e meninas criam os personagens e cenários nos quais as histórias transcorreram. Para tal finalidade foi realizada uma oficina de massinha, na qual foram repassadas técnicas para confecção de personagens e objetos. Da bolinha de massinha fizeram um retângulo que poderia virar o fogão, a geladeira, a bolsa etc. Da “cozinha de massinha” criaram o corpo da menina, o vaso de flor. Dependendo da criatividade e da necessidade, as formas abstratas foram ganhando cores e contornos definidos e se tornaram personagens e cenários para contar as histórias que eles criaram.

• 4ª etapa – Gravando os vídeos

O primeiro passo é conhecer as possibilidades técnicas com as quais o grupo vai lidar. Desse modo, são apresentados para os alunos os recursos técnicos: computadores, câmera digital, televisão, equipamentos de som e tudo o que é necessário para produzir desenhos animados. A técnica é simples: ao ordenar fotografias em seqüência, com pequenas diferenças entre elas, cria-se a ilusão do movimento.

Considerações finais

No que se refere à dinâmica das oficinas como recurso pedagógico, as mesmas revelaram um excelente potencial, criando um ambiente descontraído que possibilitou a criatividade e o desenvolvimento da linguagem e da fala. As narrativas foram construídas buscando as dimensões do cotidiano e ressaltando as preocupações e dúvidas dos adolescentes.

O primeiro ponto que gostaríamos de ressaltar é a importância do espaço e do lugar do outro em nossa intervenção. Tentando manter os pressupostos de uma abordagem dialógica e reflexiva, os adolescentes foram colocados como os sujeitos históricos e da ação. A produção e transmissão de conhecimento foram pensadas de forma compartilhada.

Em alguns momentos, ficou evidente que para os adolescentes aquele espaço não poderia estar identificado com o ambiente da escola. Os adolescentes traziam, interiorizada, a cultura disciplinar da escola que se expressa de forma vertical, em dispositivos objetivos como a figura do professor, os olhares de censura, o sinal que demarca o tempo, o espaço para as atividades etc. Do mesmo modo, a sanção normalizadora presente nos instrumentos de punição e recompensa ainda são marcas do nosso saber disciplinar – que cria marcadores para corrigir e reduzir comportamentos desviantes que se objetivam em leis, programas e regulamentos que modelam a identidade dos sujeitos. É isso o que os adolescentes não queriam encontrar e o que reforçou ainda mais nossa proposta de criar um ambiente que fosse diferente do aprendizado tradicional, como questionado por Freire (1974).

Rompeu-se com o paradigma tradicional? Ainda não, mas acreditamos que demos passos em busca de um processo aprendido menos domesticador, menos adestrado. A tentativa de romper com os pressupostos teóricos já descritos por Foucault (1987) (vigilância hierárquica, sanção normalizadora e exame) guiaram nossa conduta e direcionaram nossa prática, tentando nos aproximar dos círculos de cultura nas bases da teoria freiriana, reconstruindo as categorias tempo e espaço. É válido destacar que circularizar a relação não deve ser reduzido à disposição de pessoas ou objetos em círculo, mas antes estar pautado na escuta do outro que pode estar ao lado ou à frente, mas nunca impedido de uma comunicação face a face (Freire, 1974).

Ficou demarcado que ao final do processo lúdico os adolescentes incorporaram importantes requisitos para o processo de aprendizado: atitude, interatividade, concentração e motivação. O grupo demonstrou prazer na construção coletiva do fazer, do brincar e do criar e recriar a arte. É válido destacar que a arte, em seu potencial de expressão estética, possibilita a explicitação de criatividade e sentimentos quando é garantido àquele que produz, objetos narrativas, cores e texturas, exteriorizar a sua subjetividade. Desse modo, o espaço da oficina se revelou como ambiente potencializador para o resgate da auto-estima, possibilitando a criação, a produção e o fazer arte.

• Referências

- FOUCAULT, M. *Corpos dóceis*. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 6. ed. Petrópolis. Vozes, 1987.
- FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, P. *Ação Cultura para a Liberdade e Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- QUERÊ, L. *De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico*. Trad. de Vera Lígia Westin e Lúcia Lamounier. Mimeo, 1991.